

Expediente

Identidade!

Boletim do Grupo de Negr@s da EST/IECLB

Vol. 09, janeiro-junho/2006

Apoio: Federação Luterana Mundial – FLM

Periodicidade: Semestral

Tiragem: 2.000 exemplares

Revisão: Luís M. Sander

Diagramação e impressão: Con-Texto Gráfica e Editora

Capa: Marcelo Ricardo Zeni – “Releitura, de Leonardo a Portinari”

Coordenação geral: Selenir C. Gonçalves Kronbauer

Responsável por este número: Selenir C. Gonçalves Kronbauer

Endereço para contato: Grupo Identidade

Escola Superior de Teologia

Caixa Postal 14 – Tel. (51) 2111-1400 – CEP 93001-970 – São Leopoldo/RS

E-mail: identidade@est.com.br – Site: www.est.com.br

Obs.: São de total responsabilidade dos autores os textos por eles escritos.



IECLB



Escola Superior de Teologia
www.est.com.br



Fundação Luterana de Base

Aceita-se permuta :: Exchange is requested :: Wir bitten um Austausch :: Pídesse canje

Editorial

O novo sempre traz inquietações, e, apesar de ter sido aprovado há três anos e ainda não ser conhecida e reconhecida pela maioria dos professores brasileiros, a Lei 10.639/2003 traz o que podemos considerar um novo olhar sobre o negro na História e, sobretudo, na história até então contada sobre a Cultura Afro-Brasileira. Essa legislação, que instituiu diretrizes curriculares privilegiando aspectos da cultura africana e afro-brasileira como conteúdo a ser desenvolvido nas escolas, elevou a questão da negritude para o centro das discussões nas igrejas e nas instituições de formação, especialmente no que tange à reformulação curricular da Educação Básica e dos cursos de formação de graduação.

Hoje, embora não se justifique a forma desigual com que a comunidade negra ainda vem sendo tratada na sociedade brasileira, abre-se a

possibilidade de uma reflexão mais aprofundada sobre as questões que visam ao reconhecimento da história e da contribuição do povo negro na construção do país, especialmente através do cumprimento da Lei 10.639/2003, que institui a inclusão de disciplinas com temas específicos sobre a cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares.

Nessa perspectiva, o grande desafio para as igrejas e para os espaços de formação acadêmica que habilitam líderes que irão atuar nas comunidades e escolas de educação básica confessionais ou laicas está sendo a reflexão no sentido de se retomar e reparar, no que for possível, a história e a cidadania do povo negro na sociedade brasileira.

*Professora Ms. Selenir
C. Gonçalves Kronbauer
Coordenadora do Grupo Identidade
da EST/IECLB*

Apresentação

[...] sabemos, ou deveríamos saber, o quanto é necessário e útil e o quanto agrada a Deus quando um príncipe, uma autoridade, um conselheiro ou outra pessoa que deve governar é instruída e apta para exercer essa função de forma cristã. Mesmo que não existisse alma e não se precisasse de escolas e línguas por causa da Escritura de Deus, apenas isso já seria razão suficiente para fundar as melhores escolas para meninos e meninas em toda parte. (Martim Lutero, Educação e reforma, p. 35.)

Parto da epigrafe acima, entendendo-a e lançando-a como um dos grandes desafios postos às instituições de formação confessionais e laicas no sentido de que a educação deveria ser privilégio para todos os cidadãos e cidadãs, independentemente da condição econômica, social, confessional ou racial.

Sob o tema: **“A questão afro/negra na igreja e na academia: da reflexão à ação”**, o volume 09 do boletim *Identidade!* traz uma contribuição no sentido de apresentar algumas ações e referenciais de trabalhos que vêm sendo realizados há 10 anos pelo Grupo Identidade da EST/IECLB e por instituições religiosas e de formação acadêmica, parceiras do Grupo Identidade, na capital gaúcha e na região do Vale do Rio do Sinos.

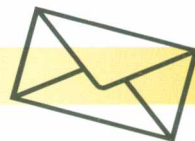
No primeiro artigo o Prof. Dr. Lothar Carlos Koch, reitor da Escola Superior de Teologia EST – São Leopoldo/RS, apresenta a EST como instituição que está ampliando cada vez mais o foco da pesquisa, visando contemplar temas candentes que emergem do cenário sociopolítico e cultural do nosso país. Assim, temas relacionados com a inclusão étnica, tanto afro-brasileira quanto indígena, passam a receber a ênfase que merecem na EST e na IECLB. Na sequência, Pedro Acosta Leyva, Ezequiel de Souza e Luis Carlos Mello apresentam a trajetória do Grupo Identidade, que há 10 anos vem construindo sua história na Escola Superior de Teologia – EST e na Igreja de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

No segundo artigo, Ms. Luiz Virgílio, Bispo da Igreja Metodista/ IPA Metodista – POA/RS, aponta para a necessidade de dar visibilidade à questão negra no Brasil, na expectativa de romper com o ritual da negação do racismo à brasileira, o mito da democracia racial, possibilitando formas de enfrentamento e de superação desta realidade.

No terceiro artigo, Ms. Adevanir Pinheiro e Dr. Ivo Follmann, da UNISINOS – São Leopoldo/RS, abordam alguns aspectos a partir das reflexões resultantes dos estudos realizados no GDIREC, grupo de diálogo entre religiões, com a participação especial das religiões de matrizes africanas, e, também, do diálogo com o mundo intelectual e universitário.

No quarto e último artigo, Prof^ª. Ms. Dulce Cornetet dos Santos, do Centro Universitário Feevale – Novo Hamburgo/RS, nos apresenta a experiência do Projeto Extensão Universitária Banda Mirim, inserido no *Núcleo de Identidade, Gênero e Relações Interétnicas: NIGERIA*, onde se fomenta a discussão e reflexão continuada em torno das questões de gênero, identidades culturais e diversidade étnico-racial, contribuindo para a formulação de políticas públicas de inclusão social e desenvolvimento humano na região do Vale do Sinos. Uma boa leitura a todos/as. Aguardamos seu comentário sobre o Boletim *Identidade!*.

Professora Ms. Selenir
C. Gonçalves Kronbauer
Responsável Editorial

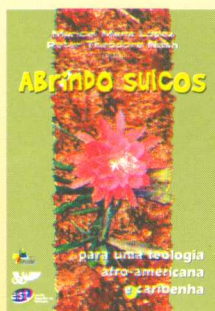


Caro/a leitor/a,

A cada nova edição do boletim *Identidade!* percebe-se que estamos ampliando significativamente nosso círculo de leitores. Nossos agradecimentos aos leitores e leitoras que nos enviaram mensagens e/ou solicitaram os materiais produzidos pelo Grupo Identidade. São eles/elas: Ednaldo Gonçalves da Silva, natural de Paulo Afonso/BA, aluno do Instituto Imaculada Conceição, João Pessoa/PB que, através do Professor Marcelo, residente no Recife e que atua como professor de História de Israel no Instituto Imaculada Conceição, recebeu o Boletim *Identidade!* Neliana Schirmer Antunes Menezes, bibliotecária da UFRGS – FACED – BSE, solicitou a doação dos exemplares do boletim

Identidade!, cujo registro se encontra na base <http://sabix.ufrgs.br/ALEPH>, sob o número 527958. Da IECLB, Maria Ione Pilger (obreira na comunidade de São Luís do Maranhão) e P. Cleber Fontinele Lima (obreiro na comunidade de São Luís e coordenador da Área Missionária Norte/Nordeste) estão lendo e refletindo sobre questões étnicas no grupo de Estudo Bíblico, subsidiados, também, pelo material produzido no Grupo Identidade da EST/IECLB. A todos/as manifestamos nossa alegria e a certeza de estarmos contribuindo de maneira especial para a formação de cada pessoa que recebe nossos materiais. Continuem nos enviando correspondências com pareceres e sugestões!

Prof^a. Ms. Selenir C. Gonçalves Kronbauer

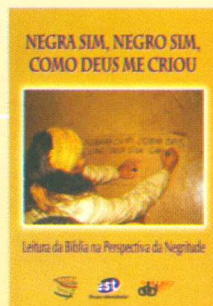


Informações:

Editora Sinodal
Tel.: (51) 3590-2366
CEBI - Tel. (51) 3568-2560
EST - Tel.: (51) 2111-1400

Informações:

CEBI - Tel. (51) 3568-2560
EST - Tel.: (51) 2111-1400



Informações:

CEBI - Tel.: (51) 3568-2560

Informações:

CEBI - Tel. (51) 3568-2560
EST - Tel.: (51) 2111-1400



Pesquisa na Escola Superior de Teologia desperta para a temática da inclusão étnica

*Pastor Dr. Lothar Carlos Hoch
Reitor da EST*

Criada em 1946, a Escola Superior de Teologia sempre esteve comprometida com a pesquisa. Os seus fundadores, originários da Alemanha, estavam convencidos de que a pesquisa é um dos fundamentos duma boa formação teológica. Ora, para viabilizar esta idéia seriam necessários uma boa biblioteca, um corpo docente bem qualificado, além, é claro, de um ambiente tranqüilo e um espaço físico adequado. Pois a Escola Superior de Teologia, fiel às suas origens, caracteriza-se ainda hoje por estas três marcas distintivas de uma instituição voltada à pesquisa: investimento na qualificação docente, na biblioteca e no espaço físico.

Existem ainda outras áreas que devem merecer a atenção duma instituição que aposta na pesquisa, como, por exemplo, a publicação da pesquisa, o intercâmbio acadêmico com outras instituições nacionais e internacionais, a promoção de eventos acadêmicos, como salões de pesquisa, congressos e simpósios, e, não por último, a disponibilização de uma boa infra-estrutura de informática e de

recursos pedagógicos. A EST tem procurado dar a atenção necessária também para estes quesitos.

Evidentemente, o investimento duma instituição nas áreas supramencionadas tem um alto custo e exige um gerenciamento responsável dos seus recursos humanos e materiais. Por outro lado, é altamente compensador perceber que, devido a isso, a Escola Superior de Teologia vai colhendo, de modo crescente, o respeito de instituições congêneres tanto da área da Teologia quanto de áreas afins, como a das Ciências da Religião, da Filosofia, da Educação, da Arte e das Ciências da Saúde. Estudantes de todo o Brasil e de outros países sentem-se atraídos a realizar aqui seus estudos e suas pesquisas, sabendo que em nosso câmpus reina um espírito de interdisciplinaridade, de ecumenicidade e de liberdade de pensamento. A nota 7 (sete) conferida pela CAPES aos programas de Mestrado e de Doutorado do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da EST nos anima a continuar neste caminho.

Uma das preocupações mais

recentes da Escola Superior de Teologia é ampliar o foco da sua pesquisa, ou seja, levar cada vez mais em consideração os temas relacionados à nossa realidade brasileira e latino-americana. Evidentemente, não pretendemos deixar de lado as questões relacionadas com a Igreja e com o contexto religioso que desde o início mereceu a nossa atenção. Mas estamos ampliando cada vez mais o foco da pesquisa, visando contemplar temas candentes que emergem do cenário sociopolítico e cultural do nosso país. E assim, temas relacionados com a inclusão étnica, tanto afro-brasileira quanto indígena, passam a receber a ênfase que merecem.

No tocante à inclusão de afro-descendentes, sentimo-nos orgulhosos e honrados por poder acolher entre nós o *Grupo de Negros e de Negras da EST/IECLB* e poder publicar o *Boletim Identidade*. Isso é um fato novo e deveras enriquecedor para uma igreja de tradição germânica que, por muito tempo, permaneceu insensível à questão da inclusão de afro-brasileiros/as na nossa sociedade. Não faz muito tempo que Peter Nash, dos EUA, se tornou o

primeiro professor negro a integrar o Corpo Docente da EST e que um grupo de negros e de negras passou a se reunir de forma organizada em nosso câmpus. No entanto, a repercussão positiva já se faz sentir, não apenas entre os próprios integrantes do grupo, como também entre a comunidade acadêmica em geral.

Em seguida veio para estar conosco a professora negra Maricel Mena-López, da Colômbia. Hoje, na pessoa de Selenir Gonçalves Kronbauer, temos entre nós a primeira mulher negra brasileira como professora da EST. O trabalho vai se consolidando. As publicações, os simpósios e as conexões nacionais e internacionais vão se multiplicando. Cresce a sensibilidade para a temática. E, desta forma, a Escola Superior de Teologia vai incorporando de forma definitiva em seu perfil institucional o compromisso com a pesquisa sobre a temática da negritude e da inclusão étnica.

Demorou para que isso viesse a acontecer? Sim, demorou muito. Mas vale a pena! E, parafraseando Fernando Pessoa, podemos dizer que “... *sempre vale a pena se a alma não for pequena*”.

História do Grupo Identidade: uma década de vida e contribuições

Pedro Acosta-Leyva¹, Ezequiel de Souza² e Luis Carlos Mello³

*Desde o insondável da negritude
Acarício o ecoar eterno de minha africanía.
Ouço o cântico de Marcus Garvey e Dubois
Sentados no trono do pan-africanismo.
Vejo a dança sutil
E equilibrada de Cesaire, Seghor e Fanon
Que mexem seus corpos no ritmo da negritude.
Sinto vibrar o tambor do afro-centrismo
Nas mãos de Cheikh Anta Diop.
Cântico, dança e tambor:
Tudo isso percebo como uma festa teórica
Onde todos são convidados⁴.*

Desfazendo alguns mitos

Os primeiros afro-descendentes que ingressaram na Escola Superior de Teologia (EST) o fizeram a partir da chegada do professor Peter Nash. A IECLB, por razão de seu passado escravista, não permitia a presença do povo negro. A IECLB abriu as portas para os afro-descendentes por ter uma ética evangélica. Estas três afirmações, se não são completamente falsas, pelo menos são meias verdades, e toda meia verdade é, ou pode ser, uma meia inverdade. O aspecto plausível ou a parte de verdade das afirmações anteriores se comprova na história. Primeiro, desde a década de oitenta estudaram na EST alguns estudantes afro-descendentes, entre os quais conhecemos José Alipia Gonçalves Vegas, que começou em 1979 e trancou sua matrícula em 1984, e Vilmar Machado dos Santos, que conseguiu se formar em 1983. Segundo, de acordo com a pesquisa realizada por Ricardo

Brasil Charão, nas comunidades evangélicas luteranas de Estância Velha, Hamburgo Velho e São Leopoldo comprova-se a existência de escravos. No entanto, estamos convencidos de que os poucos membros luteranos que tinham escravos não podem constituir o parâmetro para classificar uma imensa maioria de luteranos da IECLB que foram e são honestos trabalhadores dedicados a suas pequenas propriedades e que seu caráter e sua consciência de fraternidade humana e cristã são dignos de ser catalogados com toda a honra que merecem. É uma vergonha que uns poucos tenham se envolvido na escravidão, mas é motivo de orgulho que a maioria dos membros da IECLB foram e são pessoas que levaram e levam o nome de Jesus Cristo tal como a Bíblia prescreve. Em terceiro lugar, as portas da IECLB não foram abertas só pela ética evangélica, ainda que este aspecto colaborasse, mas porque convergiram a força do movimento negro brasileiro e a

chegada da carismática personalidade do professor Peter Nash.

Tecendo Identidade – 1996-2000

Os anos noventa foram um tempo que os afro-descendentes brasileiros estavam se estruturando em diversas ONGs com diferentes matizes. Houve grupos negros de grande vinculação com a política, outros aderiam ao viés da cultura, e ainda outros nasceram no seio das igrejas. Por exemplos na Igreja Católica, em São Paulo, se criou o Centro Atribaque de Cultura Negra e Teologia, e, na Igreja Metodista, em Porto Alegre, nasceu o Centro Ecumênico de Cultura Negra - Cecune. Já nos anos oitenta surgiram alguns grupos dentro das igrejas, mas foi nos anos noventa que as ONGs negras se multiplicaram e se espalharam. Nessas circunstâncias o professor Peter Nash, afro-norte-americano, chegou à Escola Superior de Teologia e começou a ministrar aulas de Bíblia e a dialogar com os afro-descendentes que estudavam na EST. O diálogo de Peter Nash com os afro-descendentes não foi obra fácil, pois alguns deles se autodefiniam como “sarahás”, “de cor carioca”, “morenos”, “mulatos” “escurinhos”, mas muito poucos aceitavam ser reconhecidos como **negros**. Foi a partir de reuniões celebrativas, na casa de Peter Nash, que esses “sarahás”, “de cor carioca”, “escurinhos” foram identificados de forma consciente pelos seus colegas teuto-brasileiros como negros, e eles mesmos começaram a entender-se e sentir-se à vontade com sua identidade negra. Assim, ficou tecida, por um lado, uma identidade atribuída aos negros pelo grupo branco que era a maioria; e, por outro lado, estabelecia-se uma identidade adquirida, isto é um auto-

reconhecimento ou uma auto-aceitação de sua condição humana negra. Se nos primeiros encontros os afro-descendentes na EST andavam quase sem se perceberem, já no ano 2000 tinham a alegria e a firmeza de se autoproclamarem negros e negras.

Gestando Negritude – 2000-2003

As palavras de Dubois: “quando se é negro, sabe-se que se tem uma mensagem para a humanidade” uma vez mais se cumpriram. Os luteranos negros na EST, a partir de 2000, não ficaram como quem encontra um tesouro e o guarda; pelo contrário: explodiram de vontade de falar e aprender mais a respeito de sua grande descoberta: a **negritude**. Parecia que haviam nascido de novo. Tinham um resplendor de negritude que contagiava. A cada dia encontravam autores negros para alimentar suas suspeitas. Somos negros! Este era o grito de felicidade que se lia nos rostos e nos trabalhos que apresentavam nas diferentes disciplinas e nas aulas. É interessante que apenas em oito anos tenham passado de pessoas classificados com termos racistas inventados na época da colônia com o objetivo ideológico de dividir o povo negro em “sarahás”, “de cor carioca”, “escurinhos”, para uma identidade **negra** capaz de projetar-se com o propósito libertador de alcançar outros. Neste período se formaram no bacharelado em Teologia na EST Günter Padilha, Lurdilene da Silva, Francisco Rafael Soares dos Santos, Adriano Henrique Otto, uma turma que se dedicou ao trabalho em favor de uma causa nobre. Seus trabalhos eram feitos com o objetivo de desmistificar o conceito de opressão, dando lugar para um novo horizonte de liberdade. Eles

estavam identificados com a causa da liberdade, especialmente na perspectiva intelectual e na obra pastoral. Sua preocupação era demarcar fronteiras ou talvez relativizá-las, afirmando que negros e negras podem pensar e ter opinião, igualdade e justiça.

Transformações – 2003-2005

A turma formada no período de 2000 a 2003 foi um incentivo para a transformação do grupo. Eles não só estavam pensando em si próprios, mas olhavam para frente, isto é, para os futuros estudantes e os obreiros da Igreja como um todo. Paralelamente às motivações deles, aconteceram dos fatos de grande importância: primeiro, a saída de Peter Nash, que retornou para sua terra natal e deixou um legado, uma consignação, um grupo com identidade definida e uma missão. O segundo fato foi a chegada da professora Maricel Mena López, de origem colombiana. Diferentemente de Peter Nash, ela não era pastora, e sim uma biblista católica, o que deslocou o eixo da ênfase poimênica reinante até o momento no grupo para a pesquisa. Deste modo, o grupo levou todas as suas atenções para o campo da intelectualidade e, aos poucos, foi tomando lugar em diferentes eventos nacionais e internacionais.

Em 2005, o grupo experimentou outras três transformações: 1) A mudança de coordenação; a professora Maricel Mena López retornou para sua pátria, e, pela primeira vez, uma afro-brasileira, a professora Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer, assumiu a liderança. 2) O grupo ganhou espaço na EST implementando uma disciplina optativa de estudo sobre cultura afro-brasileira. 3) Com a nova liderança afro-brasileira tem-se uma aproximação

tanto com os movimentos de base como com as instituições de ensino superior da Grande Porto Alegre. A partir daí, o grupo desencadeou um novo caminho, que o fez estabelecer-se como um referencial de pesquisa e intelectualidade. E foi assim que o grupo assumiu como seu principal objetivo a investigação, tornando-a um instrumento adequado para a libertação dos saberes que pode ser analisado através das publicações.

Boletim *identidade!*

A descoberta da negritude foi um processo de autoconhecimento. Conhecer a si mesmo é uma experiência libertadora. A convivência e partilha de experiências despertaram a percepção de que era possível contribuir para que a Igreja tivesse abertura para o “diferente”. No horizonte, visualizava-se a publicação de algum tipo de material que auxiliasse os afro-descendentes a ter orgulho de sua origem e, ao mesmo tempo, a se sentir confortáveis na igreja “dos alemães”. Não havia ainda a definição quanto ao formato da publicação. Apenas o conteúdo estava definido: a negritude.

A oportunidade de realizar esse sonho ocorreu quando o professor Peter Nash assumiu o projeto *Negritude na Bíblia e na Igreja*, em março de 2000. A pergunta acerca do tipo de publicação tornou-se mais presente. A decisão tomada foi a de publicar um boletim informativo, no qual seriam relatadas experiências de afro-descendentes e as atividades que os membros do grupo realizassem. Foi nesse estilo que o primeiro número do boletim *identidade!* foi publicado, ainda no ano de 2000, contendo seis pequenos artigos, algumas poesias e a apresentação dos autores e da

autora. Tratava-se de uma publicação modesta. O boletim relatou experiências adquiridas na vivência e descoberta da negritude por parte dos autores e da autora.

O primeiro artigo tinha como autor o professor Peter T. Nash: **Negritude chegou! Mas o que é?** Este é um texto que apresenta o boletim *identidade!*, justificando sua criação como sendo necessária em um mundo plural. O professor Nash relata experiências vivenciadas como docente, bem como os desafios impostos à Igreja a partir da negritude. Nesse artigo, há uma definição do conceito *negritude* que acompanha o Grupo Identidade desde seu início, quando ainda era o Grupo de Negros e Negras da Escola Superior de Teologia:

Negritude é assumir a própria essência negra de uma pessoa ou de um grupo (...). Não é uma coisa que tem a ver somente com pobreza ou opressão, mas também com heranças familiares e culturais fartas (...). A negritude então é mais uma caminhada do que uma coisa fixa.

Qual deve ser o perfil de um/a estudante de Teologia? Esse é o sugestivo e provocador título do artigo de Lurdilene da Silva. A partir de sua experiência de estágio, em uma comunidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil majoritariamente composta por teuto-descendentes, da Silva questiona os estereótipos formados acerca dos estudantes de Teologia e, por extensão, os estereótipos acerca dos obreiros e obreiras e da igreja como um todo. Relatando sua experiência de intercâmbio em Cuba, da Silva encerra seu artigo fazendo um questionamento incisivo: "Até quando a IECLB será uma

igreja de alemães para as comunidades? Quando mudaremos esta imagem que é passada para fora do morro?"

Günter Padilha compartilha sua experiência de intercâmbio com o artigo **El Salvador: O país da alegria!** Neste artigo, Padilha relata que o povo salvadorenho vale-se da criatividade e do humor para superar as adversidades. Segundo sua percepção, El Salvador carrega ainda hoje as conseqüências do período colonial, conseqüências estas visíveis em pelo menos dois aspectos principais: na questão identitária e racial. Padilha conclui seu artigo com uma avaliação positiva das experiências que fez durante o período de intercâmbio:

Neste pequeno país percebi uma riqueza de valores: um povo que não deixa morrer a esperança, que trabalha de sol a sol, que ri, que chora, que aproveita qualquer recurso para exercer sua criatividade e mostrar sua cultura e caráter."

Existem duas Bahias é um texto de Francisco Santos no qual o autor relata sobre o estágio que realizou na Bahia. Este artigo resume o período de estágio com três conceitos: alegria, fome e preconceito. Mas quais são as duas Bahias? Uma é a Bahia dos brancos, rica e segura. A outra é a Bahia dos negros, pobre e onde falta a dignidade. Ainda assim, a seu ver, o povo baiano mantém a alegria de viver, usando criatividade e aproveitando as belezas naturais de seu estado.

José Alencar Lhulhier Jr. relata como é **Um dia na vida de um intercambista**. O autor descreve as atividades que realizou no dia da Páscoa durante seu intercâmbio na África do Sul. Trata-se de um pequeno texto poético, no qual ele exprime sua alegria

por estar tendo a oportunidade de trocar experiências em um país africano.

Para concluir, **Uma experiência do Espírito Santo na religiosidade cristã negra** é o artigo mais elaborado teoricamente neste número inaugural do boletim *identidade!* Trata-se de um pequeno ensaio de Adriano Otto, no qual o autor dialoga com dois expoentes da Teologia da Libertação: José Comblin e Carlos Mesters. Esse texto pode ser considerado a primeira elaboração teórica apresentada ao público pelo grupo de jovens teólogos negros, abrindo as portas para o amadurecimento teórico do grupo como um todo.

Em relação a Comblin, Otto afirma que as mudanças no modo de ler a Bíblia já eram realizadas no período da escravidão negra no Brasil. À medida que escravos aprendiam a ler, havia a descoberta das maravilhas narradas na Bíblia. E essas descobertas eram compartilhadas entre os colegas de servidão. O Deus descoberto pelos escravos não compactuava com a opressão, mas caminhava com seu povo na busca por libertação. Já em diálogo com Mesters, Otto afirma que a “leitura popular da Bíblia” era a forma como os negros interpretavam a sua realidade de opressão. Essa interpretação não pode ser considerada como fundamentalista, pois entendia a Bíblia como palavra viva. A própria leitura da Bíblia é interpretada por Otto como sendo uma experiência com o Espírito Santo.

Fases do boletim *identidade!*

O primeiro número do boletim *identidade!* foi *sui generis*. Como não havia previsão da sua receptividade, ele, foi elaborado em forma de “boletim informativo”. No entanto, a repercussão que o boletim teve tornou visível a

lacuna existente entre as descobertas acadêmicas e a comunidade negra. Os materiais produzidos na academia não chegavam às comunidades e, quando chegavam, apenas uma pequena parcela da comunidade negra podia apropriar-se deles, devido à sua linguagem técnica. Fazia-se necessária a divulgação dos resultados das pesquisas em linguagem não-técnica e com baixo custo.

A partir do segundo número do boletim *identidade!*, o Grupo de Negros e Negras da EST decidiu disponibilizá-lo para ser essa ponte entre a academia e as comunidades negras, ao mesmo tempo em que era um canal de visibilidade da presença negra na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Por isso, a prioridade passou a ser a publicação de resultados de pesquisas sobre a negritude. Manteve-se espaço para a divulgação da cultura negra e a partilha de experiências, mas a ênfase não era mais essa.

Primeira fase

A primeira fase do boletim *identidade!* iniciou com o segundo número, ainda no ano de 2000, e se estendeu até a edição de 2003. Foi em 2003 que a história do Grupo de Negros e Negras da EST se transformou em história do Grupo Identidade, com o retorno do professor Peter Nash aos Estados Unidos. Nesse período foram publicados seis números, com duas características em comum: a) Diversidade temática; b) Brevidade dos textos.

A diversidade temática era resultado das pesquisas individuais dos membros do grupo. Como o grupo não possuía uma linha de pesquisa, cada integrante pesquisava temas que lhe eram relevantes. Na hora da divulgação,

havia uma salutar pluralidade. Os textos eram breves a fim de proporcionar a inclusão do maior número possível de artigos por número. Era uma forma de incentivar e valorizar as pesquisas feitas. Textos mais longos eram divididos em vários números do boletim.

Isso em nada diminui a importância e o mérito desse período. Esses pioneiros abriram picadas na mata teológica, caminhos esses em que o grupo iria andar no período seguinte. O tributo da nova geração, em reconhecimento aos fundadores e desbravadores, foi a organização e a publicação do livro **Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha**, que encerrou com chave de ouro esse período formativo.

Segunda fase

A segunda fase do boletim *identidade!* iniciou com a publicação do primeiro, número de 2004. A mudança de perspectiva não ocorreu por acaso. Com o regresso do professor Peter Nash aos Estados Unidos, houve ampla discussão acerca da continuidade do grupo, sua estruturação e a delimitação de objetivos definidos. Essa discussão ocorreu durante o ano de 2003 e trouxe reflexos para a produção acadêmica do grupo. "O Grupo Identidade tornou-se um espaço para a reflexão e pesquisa na área da negritude de forma definitiva." Ilustrativa é a apresentação deste primeiro número, formulada pela professora Maricel Mena López, sucessora de Nash na coordenação do grupo:

Neste ano temos algumas novidades em nosso boletim. A partir deste número o boletim será semestral e abordará tematicamente assuntos relacionados com a negritude no

campo bíblico-teológico e em outras áreas, tais como: educação, saúde, história, geografia, sociologia, etc."

O primeiro número do boletim *identidade!* dessa fase foi confeccionado como subsídio para a reunião anual da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, RIBLA. O tema da reunião de RIBLA e do boletim foi: **Raízes afro-asiáticas do mundo bíblico**. Desde então, foram publicados quatro números, com duas características em comum: a) Unidade temática; b) Textos mais amplos.

A reestruturação do grupo permitiu a divisão de tarefas e o aumento da logística. Com isso, a definição do tema de cada número do boletim é tomada em reunião de planejamento com um ano de antecedência. Logo após, o grupo delega a um integrante a tarefa de selecionar os artigos que serão publicados, liberando os demais para a pesquisa. Os textos selecionados são mais amplos para que possam servir de subsídios em aulas e cursos, bem como em palestras, oficinas e seminários. Com o aumento do espaço para a exposição das idéias, houve a qualificação dos materiais publicados. Os temas trabalhados foram:

2004/01 – **Raízes afro-asiáticas do mundo bíblico**

2004/02 – **Educação e negritude: Currículo inclusivo, um desafio para as escolas brasileiras**

2005/01 – **Refletindo sobre África**

2005/02 – **Nossa história afro-negra nas Américas**

No ano das comemorações dos 60 anos da Escola Superior de Teologia, é salutar que lembremos os 10 anos de existência do Grupo Identidade, antigo Grupo de Negros e Negras da Escola Superior de Teologia. Isso porque o apoio dessa instituição foi de

fundamental importância para o êxito de nossos trabalhos, bem como para o nosso amadurecimento teórico. Dessa forma, o primeiro número do boletim *identidade!* de 2006 é uma edição comemorativa, trazendo um pouco de nossa história.

Outras publicações

O boletim *identidade!* é o meio de divulgação das pesquisas do Grupo Identidade. Sua distribuição é gratuita e é mantida graças ao apoio da Evangelical Lutheran Church in America – ELCA e da Federação Luterana Mundial. No entanto, o grupo já possui dois livros publicados: **Abrindo sulcos** e **Bíblia e negritude**. Ainda para o ano de 2006 está sendo confeccionado o livro **Negra sim, negro sim como Deus me criou**, em parceria com o CEBI e com o Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia, resultado de um Seminário realizado em agosto de 2005, em Guarulhos/SP.

Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha

Muitas vezes, a identidade étnica do pesquisador negro é subsumida no momento da divulgação dos resultados de sua investigação científica. No entanto, os membros fundadores do Grupo de Negros e Negras da Escola Superior de Teologia ousaram partir de suas experiências de afro-descendentes para a reflexão teológica, entendendo que sua condição étnica é um fator importante nessa reflexão.¹⁶

Em 2003, durante a reestruturação do grupo, os novos integrantes decidiram homenagear os pioneiros, reunindo sua produção acadêmica concernente à negritude. Essas pesquisas foram reunidas e publicadas

sob a forma de um livro: **Abrindo sulcos**. A escolha dessa metáfora se deu porque reconhecemos que o trabalho de cavar no campo teológico já havia sido efetuado pelos fundadores do grupo; à nossa geração cabia a tarefa de colocar sementes nos sulcos abertos por eles, na expectativa que a geração vindoura possa dar continuidade a esse labutar, como se expressa na apresentação do livro:

Os textos que estamos partilhando neste livro dão conta dos avanços e perspectivas da teologia e hermenêutica bíblica negra que se constroem e se aprofundam na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).¹⁷

A preocupação do grupo era articular a reflexão teológica sobre a negritude e as práticas pastorais das comunidades da IECLB, onde a presença negra é reduzida, criando sensibilidade para um diálogo fecundo. Dessa forma, o livro foi subdividido em dois grandes blocos: o primeiro destaca a história e a cultura do povo negro; o segundo exercita a hermenêutica bíblica negra. A acolhida desse livro foi além de nossas expectativas. A primeira edição se esgotou em poucos dias. Em 2004, devido à crescente procura, foi lançada a segunda edição, que, entretantes, está esgotada também.

Bíblia e negritude: Pistas para uma leitura afro-descendente

O segundo livro publicado pelo Grupo Identidade, em parceria com o CEBI, foi **Bíblia e Negritude**. O seu objetivo principal era o de reunir em um só volume artigos que

evidenciavam a presença negra na Bíblia. Essa obra pode ser empregada como subsídio para oficinas, palestras e seminários, ao mesmo tempo em que mantém um caráter seminal, gerador de novas pesquisas e descobertas.

Com uma linguagem cativante, este livro serve para a pesquisa individual bem como para estudos em pequenos grupos. De fácil compreensão, atinge uma ampla gama de leitores que **Abrindo sulcos** não atingia, por se tratar de uma obra acadêmica. A hermenêutica bíblica negra é explorada pelos autores de forma profunda e dinâmica, tendo como resultado uma multiplicidade de apropriações desse conhecimento adquirido após vários anos de intensas pesquisas.

Eventos e participações

O Grupo Identidade priorizou a pesquisa sobre a negritude, sem com isso descuidar da formação de agentes de pastoral negros e de sua responsabilidade junto à comunidade negra. O primeiro momento em que o grupo proporcionou um evento para discutir a questão da negritude foi a Semana Acadêmica de 2000, com o tema **Cristologia na sociedade pluralista brasileira**, realizada na Escola Superior de Teologia. Após esta primeira exposição pública, o grupo promoveu e participou ativamente de inúmeras atividades, que podem ser classificadas em:

- a) locais e regionais;
- b) estaduais e nacionais;
- c) pan-americanas e mundiais.

Foram muitas as assessorias que o grupo realizou no âmbito da Escola Superior de Teologia e no município de São Leopoldo. Queremos chamar a atenção para a oficina **Juventude e**

Políticas Afirmativas, realizada em janeiro de 2005, em parceria com a Coordenadoria da Juventude da Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Nessa ocasião, dialogamos sobre quotas universitárias para alunos afro-descendentes.

Em nível estadual, o **Programa de Formação de Agentes de Pastoral Afro** (PROFAMPA), realizado em parceria com os APNs/ CNBB Sul 3, e com o Centro Atabaque, teve boa aceitação e participação. Além disso, outros cursos foram ministrados pelo Grupo Identidade, com especial menção do curso **Espiritualidade e Religiosidade Africana**, realizado em Bagé, Rio Grande do Sul. Em nível nacional, destacam-se os simpósios **ABRINDO AS PORTAS DA IGREJA**, realizado em 2001 e 2003. Em 2005, o Grupo Identidade esteve representado na marcha **Zumbi + 10**, em Brasília.

O **Encontro Anual da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana** (RIBLA), em 2004, o **I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**, em agosto de 2004, a **IV Conference of International Black Lutherans** (CIBL), em 2005, e o **Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade**, em julho de 2006, foram eventos em que havia participantes de todo o continente americano. Para concluir, o Grupo Identidade marcou presença no **Fórum de Missão da IECLB, em julho de 2006**.

Teve participação em eventos mundiais, como a **Terceira Consulta Internacional de Teologia Negra**, em 2003, o **Fórum Social Mundial**, em 2005 e a **9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas**, em

2006. Em todas essas atividades, procuramos dar visibilidade ao nosso compromisso com a comunidade negra e com o evangelho de Jesus Cristo a partir de nossa ação e contribuição conceitual e teórica para a afro-negritude. Com humildade, trabalho e dedicação, vamos conquistando espaços. Nesses 10 anos de Grupo Identidade, podemos celebrar com alegria o fato de que houve mudanças em direção ao reconhecimento do valor e da beleza da diversidade, inclusive dentro da Igreja.

Notas

- 1 Pedro Acosta-Leyva, teólogo afro-cubano, formado no Seminário Evangélico de Matanzas/Cuba, mestre pela Escola Superior de Teologia-EST/São Leopoldo, integrante do grupo de pesquisa *Identidade* e doutorando na EST, E-mail: leyvapal@yahoo.com.br.
- 2 Ezequiel de Souza é acadêmico da Teologia na EST, estuda Ciências Sociais na UFRGS e é integrante do grupo de pesquisa *Identidade*. E-mail: ezequiel_souza@yahoo.com.br.
- 3 Luis Carlos Mello é acadêmico de Teologia na EST e integrante do grupo de pesquisa *Identidade*. E-mail: luisctmello2000@yahoo.com.br.
- 4 Pedro ACOSTA LEYVA. *Comentário bíblico da afronegritude*. Inédito.
- 5 Cf. Pedro ACOSTA-LEYVA. El quehacer teológico con énfasis en la etnicidad: un abordaje a las experiencias de los afrodescendientes en el Seminario Evangélico de Teología en Matanzas y en la Escola Superior de Teologia em São Leopoldo. In: I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, 2004.
- 6 Para mais detalhes sobre escravos na IECLB. Cf. Ricardo Brasil CHARÃO. Repensando a nossa história, p. 3ss.
- 7 Cf. José Alencar LHULHIER JÚNIOR, *Afro-descendentes soltam o verbo na "Igreja dos Alemães"*: Afro-descendentes buscando espaço dentro da IECLB. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003, p. 26. (Monografia inédita).
- 8 Cf. Peter Theodore NASH, *Negritude chegou! Mas o que é?* Boletim *identidade!*, v. 1, n. 1, p. 7.
- 9 Peter Theodore NASH, *Negritude chegou! Mas o que é?* Boletim *identidade!*, v. 1, n. 1, p. 7.
- 10 Lurdilene DA SILVA, Qual dever ser o perfil de um/a estudante de Teologia? Boletim *identidade!*, v. 1, n. 1, p. 4.
- 11 Günter Bayerl PADILHA, El Salvador: O país da alegria!!. Boletim *identidade!*, v. 1, n. 1, p. 3-4.
- 12 Cf. José Alencar LHULHIER JÚNIOR, *Afro-descendentes soltam o verbo na "Igreja dos Alemães"*: Afro-descendentes buscando espaço dentro da IECLB. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003, p. 28. (Monografia inédita).
- 13 Cf. José Alencar LHULHIER JÚNIOR, *Afro-descendentes soltam o verbo na "Igreja dos Alemães"*: Afro-descendentes buscando espaço dentro da IECLB. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003, p. 28. (Monografia inédita).
- 14 Maricel MENA LÓPEZ, "Apresentação". Boletim *identidade!*, v. 5, p. 3.
- 15 Cf. Peter Theodore NASH, *Negritude na Bíblia e na Igreja: Uma história. Palmares*, p. 37.
- 16 Maricel MENA LÓPEZ; Peter Theodore NASH, *Apresentação. Abrindo sulcos*, p. 7-8.
- 17 Cf. Peter Theodore NASH, *Negritude na Bíblia e na Igreja: Uma história. Palmares*, p. 38.

Igreja, Ações Afirmativas e Políticas de Cidadania

Luiz Vergílio Batista da Rosa¹

Introdução

Há 112 anos passados, nosso País vivia sob um regime de organização politico-econômico-social baseado em um trinômio: latifúndio, monocultura para exportação e trabalho escravo. Estes elementos são fundantes de nossa organização social, do estabelecimento das relações interétnicas, da distribuição do trabalho, da posse e exercício do poder institucional.

Contudo, fatores determinantes deste modelo de organização de Estado têm suas raízes assentadas sobre bases históricas mais antigas e que serviram e ainda servem para justificar, ideologicamente, a matriz de todo o processo de subjugação humana: o racismo e a escravidão.

Desde a metade do século XV, o etnocentrismo europeu, através do expansionismo colonial, estabeleceu relações civilizatórias marcadas pela subjugação e extermínio dos habitantes “das terras a serem descobertas e dos povos a serem civilizados”. Este processo “civilizatório” é herdeiro do mesmo espírito ideológico das Cruzadas, cuja expressão nada mais foi do que um encontro de dominação cultural. Assim, a eliminação do ser humano considerado *diferente*, logo inferior, teve, evidentemente, o caráter de apropriação de seus bens culturais e materiais, ou seja, do seu capital humano.

Assim, considerando que as marcas de uma sociedade de mentalidade

escravocrata estão muito latentes em nossa consciência coletiva brasileira, aflorando, de forma dissimulada em indicadores socioeconômico-educacionais, dar visibilidade a essas questões significa romper com o ritual da negação do racismo à brasileira, do mito da democracia racial, possibilitando formas de enfrentamento e de superação desta realidade.

Racismo à brasileira

A chamada escravidão moderna africana teve como componente ideológico o racismo. Ou seja, ela se fundamentou na afirmação da superioridade padrão racial/étnica branca. Assim, quanto mais distante do padrão de referência, mais se reforça a noção de inferioridade. Por esta razão, a discriminação racial/étnica, em nosso meio, segue a variável “linha de cor da pele”. É necessário lembrar que o censo do IBGE, de 1980, registrou 136 itens relacionados à cor da pele.

Ao reafirmarmos que a nossa organização social se estruturou com base no trinômio latifúndio, monocultura e escravidão, temos o dado da estratificação social decorrente, cujas bases não se modificaram, ainda nos dias de hoje, substancialmente. A partir da condição escrava perpetuou-se o lugar social da população negra: exclusão dos bens produzidos e não inclusão em políticas públicas de um Estado republicano emergente.

Logo, estabelece-se um conjunto de representações sociais sobre os negros(as) com base em pressupostos da ideologia da inferioridade racial e da tendência natural às atividades que exigem força ou habilidade física, portanto, com menor potencial reflexivo e organizativo. Como as representações sociais são noções que se estabelecem por discursos produzidos, como forma de construção política e instituidoras de significados ligados às relações de poder, as ações e políticas públicas seguirão o curso dos segmentos com prestígio social e reconhecimento de cidadania.

Deste modo, é preciso considerar que a sociedade brasileira e o Estado constituem-se com base nestas concepções, concebendo e elaborando políticas com base em mentalidade de representação escravocrata.

Portanto, a comunidade negra brasileira tem uma longa história de negação de direitos e de condições de exercício de inserção cidadã. Passou da exploração do liberalismo capitalista à exclusão do modelo neoliberal.

Políticas de enfrentamento

Enfrentar o racismo e a discriminação exige conhecer as causas de sua produção e as formas pelas quais eles se perpetuam.

De forma pessoal ou institucional, torna-se cada vez mais fundamental o resgate da memória da história dos afro-descendentes, que se situa além da diáspora africana, bem como a reconstrução de uma identidade afro-brasileira. Essa resistência herdada das

senzalas e quilombos é responsável por uma consciência de africanidade, de pertença cultural, que se contrapõe à visão dos negros e negras pelo olhar da escravidão e do racismo.

Neste aspecto, a ação de diferentes movimentos de consciência negra e de direitos humanos torna cada vez mais explícitas a denúncia e desconstrução dos processos de perpetuação histórica do lugar social de exclusão da comunidade negra brasileira e da discriminação, pelo discurso da “igualdade constitucional de todos”. Céli Regina vai nos dizer que “os processos de exclusão têm trajetória inversa; quanto menos discursivamente definidos forem os excluídos, maior é a exclusão e mais tendenciosamente se constitui um discurso antidemocrático e, ao contrário, quanto mais definidos forem os excluídos, maior a tendência à democracia”.

Assim, desde as lutas de resistência à condição escrava, as lutas de libertação nacional do colonialismo por parte dos países africanos e os movimentos contemporâneos por igualdade de direitos e oportunidades, políticas públicas compensatórias, democratização das relações interétnicas, de respeito às diferenças culturais e de gênero devem constituir a agenda e programas das organizações não-governamentais, das ações de governo e das igrejas.

Isto implica dizer que as ações afirmativas estão ligadas a uma concepção de sociedade, a um projeto político de equidade social e de reparações de injustiças praticadas pelo

Estado e perpetuadas em sua forma de organização.

Assim, no contexto dessas lutas, o 16º Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado em 1997, aprovou, por proposta da Comissão Nacional de Combate ao Racismo e à Discriminação, uma política de cotas para negros e negras em nossas Escolas, como resgate de uma dívida histórica e a favor da formação de lideranças sociais.

Neste contexto, o Centro Universitário Metodista IPA tem desenvolvido ações que se constituem em referência para as demais instituições educacionais de nossa organização religiosa.

Se, para a tradição wesleyana, a Igreja deve sempre exercer uma forte influência ética sobre o Estado e a sociedade, então a inclusão social deve superar a linearidade da dicotomia inclusão X exclusão. Em uma sociedade discriminadora, as instituições sociais, incluindo as igrejas e suas instituições, precisam ser confrontadas com projetos teológicos, missiológicos e educacionais que propugnem, também, por mudanças estruturais na própria Igreja e na sociedade.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.
IBASE. Dados da realidade: projeto negro. Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed. Vozes, 1989.
IBGE. Cor da População: Síntese de 1982-1990. Departamento de emprego e rendimento. Rio de Janeiro. IBGE.
KLAIBER, Walter, MARQUARDT, Manfred. Viver a Graça de Deus – Um Compêndio de Teologia Metodista. São Bernardo do Campo – SP, Editeo, 1999.

ROSA, Luiz Vergílio Batista da, Exclusão Étnica: Uma face do fracasso escolar – A exclusão de adolescentes negros, na perspectiva de aproximação de pressupostos teóricos de inclusão: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado) – PPGE, Faculdade de Educação, UFRGS, 2001.

SARDAR, Zia, NANDY, Ashis e DAVIES, Win. Bárbaros são os outros. Trad. Ana Barradas. Lisboa, Edições Dinossauro, 1996.

THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna, Tradução do Grupo de Estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUC. Petrópolis, Vozes, 1995.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. RJ, Ed. CLT, 1987.

Notas

1 Bispo da Igreja Metodista, Mestre em Educação.

2 Segundo Thompson (1999), o capital humano é aquilo que o indivíduo é, enquanto membro de uma estrutura social onde age e interage. Isso equivale a dizer que à desapropriação da pessoa do seu capital humano junta-se a negação de sua própria condição humana.

3 O termo raça tem sido usado, historicamente, para descrever e distinguir a população humana com base em traços de diferenciação bio-fenótica. O uso dessa expressão, geralmente, confunde-se com o uso do termo “etnia”, embora, tecnicamente, possam ser empregados de forma diferenciada. Já a expressão “etnia” está relacionada às referências culturais e aos valores de determinado grupo, ainda que a presença de elementos de natureza biológica seja considerada.

4 Em termos do conceito genérico de representações sociais, BRAGA (2000) toma-as como noções abstratas que se formam como reflexo do real, como correspondência a algo realmente existente, sendo desta forma, facilmente naturalizadas ou naturalizáveis. As representações também são tomadas como noções que se estabelecem discursivamente, como uma forma de construção política, como instituidoras de significados e conectadas às relações de poder. Neste sentido, elas são mutantes, não fixas, e não expressam, nas suas transformações, aproximações com o considerado correto, verdadeiro, melhor.

5 Ver KALIBER, Walter e MARQUARDT, Manfred Viver a Esperança de Deus, 1999, p. 404-407.

Diálogo, Religiões e Identidades

Adevanir Aparecida Pinheiro e José Ivo Follmann sj¹

O diálogo tem nos instigado muito e nos levou a mudar o nosso modo de agir. Trata-se de uma mudança que envolve, inclusive, um novo jeito de dialogar. Na verdade, sempre é salutar para o ser humano ser desafiado pelo diálogo, ou seja, encontrar-se e confrontar-se consigo mesmo e com os demais. Em nossa experiência, foi o próprio diálogo que nos fez perceber a realidade das mudanças. Foi o diálogo que nos fez ver o quanto somos vítimas dentro de nosso cotidiano. Vítimas, sobretudo, de uma educação estreita e individual. Vivemos movidos por encolhimentos de toda ordem. Estes encolhimentos são reforçados por preconceitos, às vezes, enraizados em nós de uma forma muito profunda, imperceptível e sutil. É preciso estar atento a isso para que o diálogo possa fluir efetivamente, acontecer de verdade e ser libertador.

Para se viver a experiência que vivemos hoje no “Grupo Inter-Religioso de Diálogo”,² buscamos trabalhar dois conceitos que foram essenciais em todo o processo de construção do grupo. Num primeiro momento, vimos o quanto era importante revisarmos o conceito de conhecimento. Como fazer para conhecer o outro, sem enquadrá-lo na minha visão? Percebemos que conhecer alguém, uma pessoa, um ser humano é uma prática muito simples vivida no cotidiano. É necessário beber da autenticidade das relações vivenciadas no cotidiano humilde das pessoas. Este

primeiro momento foi sendo enriquecido e ampliado, sobretudo a partir da contribuição de reflexões feitas em textos do teólogo Faustino Teixeira, com a idéia do reconhecimento do outro ou do diferente. Reconhecer significa abrir mão de seu próprio saber e facilitar o crescimento dialogal com o diferente. Trata-se de um conhecimento do outro, do diferente, de uma forma despojada, enxergando nele alguém, um sujeito com identidade.

Na medida em que o grupo foi avançando, cresceu em nós a convicção de que o diálogo entre as diferentes lideranças religiosas é efetivamente uma exigência fundamental para o convívio harmonioso e cidadão e, sobretudo, para o respeito mútuo. Uma frase de G. Gadamer, lembrada por Faustino Teixeira, é muito inspiradora neste sentido: “A capacidade constante de voltar ao diálogo, isto é, de ouvir o outro, parece-me ser a verdadeira elevação do homem à sua humanidade.”

Qualquer diálogo adulto pressupõe convicções próprias e segurança na identidade. Não tenho condições de evoluir efetivamente no conhecimento e reconhecimento do outro em sua identidade religiosa se esta questão não está resolvida em mim. Ninguém precisa “sacrificar” a sua identidade religiosa em benefício de outra. Reconhecer a identidade do outro não envolve imolação da própria identidade; trata-se de um ato de solidariedade, ou

melhor, de reconhecimento solidário. Ninguém é obrigado a renunciar à sua identidade; é preciso, isso sim, zelar pela mesma, cada vez mais, no sentido de fazer da interação e participação com o outro algo sério. O diálogo acontece num âmbito de auto-estima e de hetero-estima, de aceitação e aprendizado mútuo, não de dominação ou conversão. Esta é a experiência que mais se percebe e expressa hoje, pelos líderes que integram o grupo, depois de quatro anos de convívio.

Para que isso aconteça, é necessário que as pessoas envolvidas acreditem no que estão fazendo. Testemunhamos que a grande disposição existente no início, de parte do grupo fundador, converteu-se ao longo dos primeiros meses num entusiasmado interesse por ver a experiência crescer e atingir os demais. Pedimos licença para registrar, aqui, alguns depoimentos colhidos junto a integrantes do Grupo Inter-Religioso de Diálogo, no final de 2003, ou seja, dois anos depois da criação do grupo:

Reverendo Jessé Castro Ramos, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, novembro de 2003: *“Nossa caminhada como companheiros(as) do diálogo inter-religioso tem sido muito proveitosa para o aprendizado sobre outras tradições de fé.” [...] “Espero em Deus que outros(as) líderes religiosos(as) sejam sensibilizados(as) por nossa experiência e, vencendo seus medos e preconceitos, unam-se a nós ou criem outros grupos desta natureza.”*

Ir. Antônio Cazzuni Dias, Médium do Círculo Espírita Francisco de Assis,

São Leopoldo (RS), dezembro de 2003: *“Tudo isso é novo, esperamos que seja o início de um grande exemplo a ser seguido.”*

Pai Dejair de Ogum, Casa Africana Ilê dos Orixás, São Leopoldo, dezembro de 2003: *“O africanismo dentro deste grupo tem achado espaço para se projetar com seus conhecimentos e cultura, ao mesmo tempo em que a convivência com os diferentes segmentos religiosos tem nos proporcionado o aprendizado e o principal: saber entender e respeitar outras idéias. Acredito que se nós, líderes, criadores de opiniões, soubermos transportar esta experiência para nossas comunidades, conseqüentemente estaremos divulgando a paz e o respeito pelo diferente.”*

Dinorá da S. Nunes e Maria Odete da Silva, participantes de Casas de Religião Afro e integrantes das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs (católicas), Canoas, dezembro de 2003: *“Nós percebemos a discriminação existente entre as religiões, e, junto com o grupo inter-religioso, vimos que é possível caminhar com o mesmo objetivo. A nossa participação neste grupo nos acena para uma libertação da opressão que existe dentro de nossas comunidades. Por incrível que pareça, ainda existem comunidades fechadas para o diálogo inter-religioso. Mas com essa caminhada que estamos percorrendo junto ao grupo, temos a certeza de que vamos ter sucesso na caminhada da libertação.”*

Rafael Martini, Funcionário da UNISINOS, Igreja do Culto Eclético

Fluente Luz Universal - SANTO DAIME, Saporanga, janeiro de 2004: *“Eu pude sentir, nestes dois anos de encontros, a vibração de todos os corações, buscando um entrelaçamento sincero. [...] Aprendi a ser, também, mais religioso e menos preconceituoso. A minha crença fortaleceu-se na diversidade de caminhos e na unidade de objetivos. Todas as religiões almejam os mesmos propósitos elevados. Todas sabem que, para haver a re-ligação ao divino, é necessário cultivar o respeito, o amor, a harmonia, a justiça, a verdade e a paz interior. [...] A minha conclusão mais importante, até o presente momento, é que as religiões não divergem entre si. Quem teima em divergir são os homens que não as praticam com a fé necessária ou com a dedicação que elas merecem. São os homens incapazes de compreender com o coração a força divina, que move a cada um, que teimam em semear, com a razão, a discórdia de sua confusão particular, resultado de sua própria falta de elevação.”*

O “Grupo Inter-Religioso de Diálogo” foi fundado em abril de 2002, com a presença de seis denominações diferentes. Hoje o Grupo está somando 13 denominações. É importante registrar que a idéia de formar o grupo tem a sua origem nos contatos realizados dentro de uma pesquisa sobre “Práticas Sociais e Religião no Vale do Rio dos Sinos”. As entrevistas realizadas para essa pesquisa suscitaram interesse de alguns líderes religiosos de conhecerem melhor as

práticas sociais existentes no mundo religioso e como isso poderia ser benéfico para todos aqueles que se dispõem a cultivar a sua dimensão religiosa e social. A primeira reunião, além de ter sido marcada pelo clima favorável e participativo, foi também ocasião para a afirmação de duas idéias claras: o Grupo quer ser, em primeiro lugar, um grupo no qual cada um seja respeitado em sua religião, encontrando nele, inclusive, lugar propício para cultivar esta identidade religiosa; o Grupo quer, em sua diversidade, ser um espaço de produção coletiva de conhecimento religioso e reconhecimento mútuo nas diferentes expressões de fé. Estas duas idéias fundamentais, assim elaboradas coletivamente na primeira reunião, continuam vigorosas e são constantemente retomadas. Todos os que foram acolhidos no Grupo, posteriormente, vêm assumindo, de forma integrada, essas duas idéias orientadoras, que são de certa forma o ponto de orientação do Grupo.

Como referimos anteriormente, um dos motivos que está na origem do Grupo é a pesquisa sobre práticas sociais. O projeto de pesquisa sobre as políticas e práticas sociais, levando aos líderes religiosos questionamentos com relação ao conhecimento da Lei Orgânica de Assistência Social LOAS, segundo relato de profissionais entrevistados, foi motivo de despertamento e ampliação no horizonte das responsabilidades sociais e religiosas dos líderes em questão e de manifestação de interesse dos mesmos

em conhecer melhor as diversas práticas que acontecem e a importância de se realizar trabalhos em forma conjunta. O projeto desencadeou um novo aprendizado, de rompimento com antigas “mazelas” entre as práticas de assistência social e as práticas sociais religiosas, estas últimas, em geral, vistas de forma muito pejorativa no meio profissional do Serviço Social. Também o projeto de cadastro dos “locais de culto religioso e templos” que vem sendo realizado pela Universidade, há mais tempo, nos municípios da Região, já estava apontando nessa mesma direção. Tudo isso foi sendo captado pelos profissionais atuantes nas entrevistas e fez com que os mesmos ajudassem a articular a iniciativa de um primeiro encontro dos interessados.

O diálogo inter-religioso é uma nova forma de estudar o próprio fenômeno religioso. Ao longo do desenvolvimento das ciências humanas e sociais, diferentes especialistas vêm estudando as religiões a partir de suas especialidades. Os sociólogos pesquisam o papel da religião na sociedade, os antropólogos estudam as práticas, os rituais e os comportamentos religiosos, e na mesma linha vão os fenomenólogos, procurando compreender as manifestações religiosas no cotidiano. Poderíamos referir aqui também historiadores, psicólogos e outros. Hoje, de mais a mais, está havendo um despertar para a necessidade de um estudo mais conjunto, envolvendo os diferentes cientistas e também pensadores do próprio meio religioso. O

diálogo inter-religioso presente no espaço acadêmico é, sem dúvida um importante caminho para isso e, quem sabe, um testemunho fecundo e revelador da transdisciplinaridade.³

Vale registrar os esforços realizados por autores como Otávio Velho e outros no campo do estudo das religiões. Em particular, quando tratam da questão do paradoxo do relativismo e da contribuição específica da religião para as ciências sociais, esses autores apresentam importantes reflexões. Na visão de Otávio Velho, “há que se questionar a falta de reconhecimento no meio acadêmico secularizado da problemática da irreducibilidade da religião e da relevância de seu estudo”. Com a publicização das religiões na sociedade, faz-se necessário o diálogo entre os cientistas das religiões e os condutores dessas religiões, ou seja, os líderes religiosos.

Um aspecto que devemos enfatizar neste pequeno artigo é, exatamente, a interação que se busca do Grupo Inter-Religioso de Diálogo com a comunidade acadêmica da Universidade. Além das reuniões mensais do grupo de líderes, diversas atividades abertas à comunidade acadêmica e às comunidades em geral foram protagonizadas por estes mesmos líderes; entre elas estão algumas “celebrações inter-religiosas temáticas” em eventos especiais, dentro e fora da Universidade, o seminário “Estudando as Religiões”, com encontros mensais, as “Jornadas de Diálogo Inter-Religioso”, com encontros semestrais em 2003 e 2004, os “Painéis

das Religiões”, com realizações semestrais a partir de 2005. Em 2004 e 2005 funcionou o Grupo Permanente de Aprendizagem Coletiva GPAC, como um trabalho de assessoria direta de voluntários, funcionários, professores e alunos da UNISINOS, junto à organização das práticas sociais em locais de culto religioso e templos. A partir de 2005 constituiu-se, com reuniões semanais, o Grupo Cidadania e Cultura Religiosa Afro-Descendente. Esta última atividade tem como finalidade principal ajudar no processo de inclusão social e acadêmica de jovens afro-descendentes e outros. Também a partir de 2005, está sendo desenvolvido importante trabalho de assessoria junto ao Ensino Religioso nas escolas públicas da Região.

As diferentes atividades desenvolvidas no campo da diversidade religiosa têm sido muito positivas no sentido de possibilitar a participação dos professores e alunos na reflexão sobre temáticas pautadas pelos líderes religiosos. Entre as temáticas que foram pauta de celebrações, estudos, pesquisas, reflexões ou troca de idéias, estão: a água, o meio ambiente, a paz, a tolerância religioso, a cultura do diálogo, a história e identidade das religiões, aspectos da teologia das religiões, práticas sociais religiosas, o uso das imagens nas religiões, as diferentes espiritualidades e as contribuições éticas.

Deve-se dizer que, além da integração em diferentes iniciativas do Programa “Gestando o Diálogo Inter-

Religioso e o Ecumenismo” GDIREC, o Grupo Inter-Religioso, hoje, já deu passos importantes e tem uma renovada consciência de que, frente aos desafios do contexto no qual todos nós estamos vivendo, é fundamental:

* Cultivar a identidade religiosa: O amor pela própria religião é fundamental e nos deve fazer buscar o aprofundamento na fé e no conhecimento da mesma; certamente este é um dos maiores desafios: a boa formação na nossa fé.

* Respeitar e valorizar a identidade religiosa dos outros: O nosso amor pelos outros, que pensam de forma diferente e que professam outras crenças, também é fundamental; não se precisa concordar com o que os outros professam para respeitá-los e levá-los a sério como pessoas que cultivam com seriedade a sua fé.

* Levar a sério os setores da sociedade que mais sofrem injustiças e a população mais marginalizada e empobrecida: A dignidade da pessoa e o valor da vida devem orientar todas as nossas atividades; devemos levar a sério os pobres, a pessoa humana e a vida em geral, se queremos ser levados a sério como seguidores de uma proposta religiosa.

Este último aspecto está particularmente relacionado com um dos motivos da origem do Grupo, ligado à já referida pesquisa sobre práticas sociais religiosas. Os líderes integrantes do Grupo, além dos aspectos diretamente relacionados com o diálogo inter-religioso, revelam um importante aprendi-

zado no que diz respeito aos sujeitos mais necessitados. O estudo sobre as práticas sociais, avaliadas pela LOAS, tem contribuído para que os líderes religiosos não vejam os seus adeptos apenas como membros, fiéis, irmãos ou filhos, mas como cidadãos, que participam dos projetos religiosos no cotidiano. Os líderes passaram a entender que as religiões são importantes como reserva ética da humanidade. Elas têm, por isso, uma grande responsabilidade. Os líderes religiosos respondem por essa responsabilidade tanto num ambiente mais restrito de sua identidade religiosa quanto no âmbito do trabalho inter-religioso e do diálogo em geral.

Na sociedade e nos meios religiosos, ainda está muito ausente a atenção para com o povo empobrecido e abandonado. Isso está notório em todo o chão brasileiro. São múltiplos os caminhos religiosos que diariamente são ofertados para um público ou para as pessoas, mas pouco ou nada existe de preparação para que haja um bom discernimento de suas vidas. Os seres humanos vivenciam ricas experiências de profundo despertar, plenas de busca de humanidade e liberdade, mas muitas vezes eles são barrados e abafados pelas circunstâncias e, assim, multiplica-se o número dos que têm fome e sede de justiça social (e religiosa).

Na esfera religiosa, assim como em qualquer esfera da vida social, é importante estar atento tanto à dimensão dos excluídos quanto à sua emancipação dentro dos direitos já instituídos por lei. No que tange ao

diálogo inter-religioso, cabe às religiões instituídas e de tradição histórica abrir-se para uma maior compreensão do surgimento das religiões ainda frágeis institucionalmente e para o fato de que o ser humano tem livre-arbítrio para fazer a sua escolha de fé religiosa. Vivemos tempos de crescente presença e vivência religiosa em formas pouco institucionalizadas; ou seja, a religiosidade de decisão e conveniência pessoal tende a se multiplicar. O diálogo inter-religioso e a prática da transdisciplinaridade fazem parte do conjunto de movimentos que estão ajudando a recuperar culturas perdidas e revalorizando aspectos da humanidade presentes e passados que são fundamentais, mas foram pisoteados pela truculência dominante. São movimentos de correção de rumo nos caminhos que a humanidade costuma trilhar. Estamos convencidos de que nem sempre os caminhos que a humanidade costuma trilhar são os mais acertados; por isso, correções de rumo sempre são necessárias. São movimentos de reinvenção do humano na própria humanidade, como fatores essenciais para uma condução sadia do nosso presente e do nosso futuro. Nós cremos que algumas dessas correções de rumo e algumas dessas reinvenções do humano, muito para além das disciplinas científicas e tecnológicas, podem provir das sabedorias guardadas ou escondidas tanto nos átrios sagrados das religiões de todos os tamanhos, tempos e lugares como no chão do cotidiano das mais variadas formas de fazer, saber e viver cultivadas pela humanidade.

Referências bibliográficas

FOLLMANN, J. Ivo. *O mundo das religiões e religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios*. In STRECK, D. R.; FOLLMANN, J. I. e SCARLATELLI, C. C. **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. p. 11-28

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. *Religião de costume ou religião de escolha*, Revista **Mundo Jovem**, ano XLIV, n. 367, junho de 2006. p. 5.

TEIXEIRA, Faustino. *Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade*. In STRECK, D. R.; FOLLMANN, J. I. e SCARLATELLI, C. C. **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. p. 29-40.

IHU ON-LINE. *Religiões no Brasil*. Número especial da revista eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo: Unisinos, ano 4, n. 169, 9 de dezembro de 2005.

Notas

1 Adevanir Aparecida Pinheiro (adevanir@unisinos.br) é Assistente Social e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas; José Ivo Follmann (jifmann@unisinos.br) é Sociólogo, Padre Jesuíta, Doutor em Sociologia. Ambos coordenam o Programa “Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo” GDIREC,

Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS.

- 2 O Grupo Inter-Religioso de Diálogo é constituído pelos seguintes líderes religiosos: Dolores Senhorinha Dorneles: *Casa Africana Santo Antônio do Categeró (São Leopoldo)*, Aida Martins de Lima e Antonio José de Lima Filho: *Casa Social Africana Nossa Senhora da Conceição - Mãe Oxum (Canoas)*, Dejour Haubert: *Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás (São Leopoldo)*, Aguida Guiomar Pires e Elói Saldanha: *Templo de Umbanda Preta Velha Zimba do Congo TUMPIZ (São Leopoldo)*, Nilton Luís Rodrigues: *Associação Espírita de Umbanda Caciue Haitú e Templo de Oxum (São Leopoldo)*, Alancardino Vallejo e Rafael Gué Martini: *Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal Santo Daime (Sapiranga)*, Adalberto Dutra, Wilson Dammer e Claudiano Pereira: *Igreja Evangélica Assembléia de Deus IEAD (São Leopoldo)*, José Ivo Follmann e Inácio José Spohr: *Igreja Católica Apostólica Romana ICAR (São Leopoldo)*, Jessé Castro Ramos: *Igreja Episcopal Anglicana do Brasil IEAB (São Leopoldo)*, Cleide Olsson Schneider: *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil IECLB (São Leopoldo)*, Antonio Cazzuni Dias: *Círculo Espírita Francisco de Assis CEFA (São Leopoldo)*, José Carlos Bandeira: *Sociedade Espírita Amor à Verdade (São Leopoldo)* e Rosaleine Salette Sete e Aida Maria Glüer: *Brahma Kumaris (São Leopoldo)*. O Grupo Inter-Religioso de Diálogo faz parte do Programa ‘Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo’ GDIREC, UNISINOS, o qual está dividido em duas grandes frentes (projetos) de trabalho: a) Diálogo inter-religioso e cidadania; b) Banco de dados, divulgação e assessorias. *Os projetos do Gdirec são coordenados pela MS Adevanir Aparecida Pinheiro e têm como secretária: Débora Barbosa Bauermann.*
- 3 Conhecimento “através”, “entre” e “além” das disciplinas.

Extensão Universitária: A Ética da Alteridade na Relação com a Comunidade – O Caso do Projeto Banda Mirim¹

Dulce Cornetet dos Santos²

Este artigo é uma versão parcial do texto *Extensão universitária: a ética da alteridade na relação com a comunidade*, realizado em co-autoria com a Prof^a Josilda Berenice Fogaça³ e com Marcelo Rodrigues de Almeida⁴ e apresentado no IX Seminário Internacional de Educação, do Centro Universitário Feevale, em junho de 2006.

Pretende abordar a extensão universitária e as relações éticas nela percebidas. Através de um relato de nossa experiência pessoal na extensão do Centro Universitário Feevale, explicaremos como se deu a compreensão do conceito de extensão proposto nas políticas institucionais e quais as perspectivas percebidas como possibilidades de atuação.

Iniciamos discorrendo sobre as diversas conceituações de ética e as suas manifestações na educação para, finalmente apresentar um caso, a experiência do Projeto Banda Mirim, que avaliamos ser, em sua prática, um exercício de extensão construído eticamente com as comunidades nele envolvidas, e como essa experiência contribui para a nossa compreensão da concepção de extensão universitária que acreditamos ser norteadora de nossa prática.

Compreensões sobre a ética

[...] os mundos sociais entrariam inevitavelmente em colapso se as práticas sociais fossem inteiramente aleatórias e sem significado, se não fossem regulamentadas por conceitos, valores e normas comuns a todos regras e convenções acerca de como fazer as coisas, de como as coisas são feitas nesta cultura. (Hall, 1997, p. 42).

Apesar de cientes das diferenças teóricas na concepção de Hall para com os demais autores utilizados como referência na construção deste artigo, optamos por iniciar nossa discussão sobre as diferentes compreensões de ética com uma citação do autor, exatamente por acreditarmos que esta compreensão passa pela diversidade dos olhares para ela direcionados.

Se buscarmos a origem da palavra “ética”, encontraremos na expressão grega “ethos” o significado de hábito ou costume, entendidos com superficialidade, como maneira exterior de comportamento. Esta concepção embasou a tradução latina “moral”.

“A palavra Moral tem origem no latim – morus – significando os usos e costumes, conjunto das normas para o agir específico ou concreto. A Moral está contida nos códigos, que tendem a regulamentar o agir das pessoas” (Moore, 1975).

Ainda na origem grega, podemos constatar na palavra “ethos” um significado mais complexo, que considera o lugar ou pátria onde habitualmente se vive e o caráter habitual, a maneira de ser ou forma de pensar da pessoa ou população (Japiassu, 2001).

Esta versão, de alguma forma, orienta a utilização atual que damos à palavra “ética”. Boff (1999) aprofunda ainda mais este significado, considerando-o como a toca do animal ou casa humana, a porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar, fazer nosso hábitat. Trata de um “ethos” civilizacional, que deve emergir da natureza mais profunda do humano e referenciar-se no cuidado.

O projeto Banda Mirim

O projeto Banda Mirim tem sua origem no Centro Universitário Feevale, na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

Está vinculado à área temática *Diversidade Cultural e Memória*, que constitui um espaço de reflexão e articulação de projetos em torno da diversidade cultural, abrangendo as diferentes memórias sociais que constituem as diversas culturas na região de abrangência do Centro Universitário Feevale. Esta área temática problematiza conceitos como identidades culturais, memória social e patrimônio cultural. O Programa onde se insere, *Núcleo de Identidade, Gênero e Relações Interétnicas*: NIGERIA, fomenta a discussão e reflexão

continuada em torno das questões de gênero, identidades culturais e diversidade étnico-racial, contribuindo para a formulação de políticas públicas de inclusão social e desenvolvimento humano da referida região.

O projeto, iniciado em 2003, constitui-se de oficinas de percussão – uma banda mirim – composta por crianças oriundas de quatro escolas de samba de Novo Hamburgo. Este movimento se dá através da parceria com a Associação das Entidades Carnavalescas e Recreativas de Novo Hamburgo e acontece em quatro comunidades: Sociedade Cruzeiro do Sul, Escola de Samba Aí Vêm os Marujos, Protegidos da Princesa Isabel e Escola de Samba Portela do Sul.

Além das oficinas de percussão, ocorrem, todos os sábados pela manhã, oficinas temáticas organizadas por alunos/as e professores/as de diversos cursos: é uma iniciativa do curso de História, mas recebe professores e acadêmicos dos cursos de Letras, Artes Visuais, Ensino da Arte na Diversidade, Pedagogia, Normal Superior, Educação Física e Comunicação Social. As atividades acontecem e forma prioritária nas próprias comunidades, podendo, eventualmente, ocorrer fora dos espaços rotineiros, em situações planejadas previamente.

Através destas oficinas, busca-se promover a auto-estima das crianças no resgate da cultura negra e na

valorização da sua identidade dentro da constituição pluriétnica de uma comunidade que se funda no mito da colonização germânica. Nestes espaços se processam novas possibilidades de interpretação do mundo, mediante práticas pedagógicas que articulam os diferentes saberes acadêmicos e cotidianos em torno da identidade cultural e etnicidade negra.

A alteridade como essência ética na construção e socialização de conhecimentos

Ao reconhecermos a Universidade como espaço de acumulação, produção e socialização de conhecimentos e a extensão universitária como “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (Avaliação Nacional de Extensão Universitária, 2001), torna-se necessário questionar de que maneira acontece esta relação transformadora entre universidade e sociedade.

A extensão universitária manteve por muito tempo a concepção de assistencialismo, unilateralidade e autoritarismo em sua relação com a sociedade. A sua função primordial era de transmitir os conhecimentos por ela produzidos e selecionados como relevante para respectiva população.

A proposta dialética e dialógica faz parte da história recente da educação. Ter na universidade um espaço também de escuta altera as relações até então estabelecidas com a comunidade não acadêmica e apresenta-se como um exercício novo de relações de poder.

Para Sampaio (2004), este novo exercício significa “aprender e desenvolver a arte de saber sair de si mesmo para ter uma pré-ocupação com o outro, para querer o bem do outro. Em uma expressão: é a capacidade de viver na alteridade”. Reconhecer a existência do outro, suas manifestações, seus desejos e respeitar sua cultura passa a ser imperioso na relação transformadora entre universidade e sociedade.

Conforme descrito no próprio projeto de extensão:

As Escolas de Samba de Novo Hamburgo têm sido espaços privilegiados para a visibilidade de uma identidade negra, apesar de estarem inseridas num território branco cuja marca é a revitalização de uma memória coletiva em torno da figura do colonizador branco e europeu. A segregação social e racial dos grupos apontados como minorias traduz-se no afastamento de uma parcela significativa da população do acesso à cidade e dos seus espaços de sociabilidade, dos serviços de saúde, educação, moradia, entre outros. As escolas de samba apresentam-se, dessa forma, como espaços fundamentais para o fortalecimento de uma identidade, porque é através delas que esses grupos reivindicam e reafirmam

o direito à memória e à cidadania. O projeto intenta um trabalho permanente, que seja capaz de integrar as crianças e adolescentes à vivência das escolas de samba, ao conhecimento de suas histórias, bem como à defesa da diversidade cultural da região. À preocupação com a manutenção da tradição e preservação de uma memória coletiva, soma-se a necessidade de oferecer alternativas às crianças e adolescentes das comunidades frente a uma realidade de exclusão e violência.

Ao resgatar valores da cultura negra, em uma cidade de colonização tipicamente germânica, buscando sua perpetuação legitimada pela academia e evitando o imperialismo cultural da etnia predominante, o projeto Banda Mirim busca garantir um espaço de “capacidade de viver na alteridade”, ou seja, estar em sintonia com o outro a partir do outro.

O reconhecimento da centralidade que as atividades de percussão ocupam como força aglutinadora do Projeto Banda Mirim, sendo, por isso, decisivas na sustentabilidade de todo o processo, demonstra que há características específicas da cultura negra que possuem a força de sustentar o desejo de perceber-se pertencente àquela etnia.

Percebe-se esta força na declaração do Coordenador do Programa NIGERIA, prof. Norberto Kuhn Junior:

Confesso que passei a reconhecer esta centralidade apenas depois de ter

assumido a coordenação do NIGERIA e de passar a acompanhar o cotidiano de todas as escolas; até então, percebia esta atividade como dotada do mesmo sentido das demais oficinas pedagógicas. Não se trata aqui de propor uma hierarquização (o que implica rebaixamento de uma ou outra atividade), mas de reconhecer o lugar que determinadas práticas assumem em função dos seus contextos e neste caso, a radicalidade do lugar da música (a “batida do samba”) na composição identitária destas comunidades!

Este entendimento, que é tão óbvio em nossos livros, assume outro impacto quando reconhecido na percepção vivenciada! Talvez eu esteja exagerando, mas o ganho simbólico de um garoto/a que aprende a tocar instrumentos percussivos, naquele contexto, se equipara ao que representa, no contexto mais amplo, o aprendizado da escrita!

Por ser elemento radicado no cotidiano das expressões identitárias destas comunidades, é de se entender por que ocupa tanta centralidade. Não que outras atividades não possam lá ser desenvolvidas... mas o Projeto Banda Mirim “como um todo”, tem nas oficinas de percussão principal fonte de legitimidade junto a estas comunidades!

A possibilidade de vivenciar estas percepções, ultrapassando o conhecimento descrito em livros e transformando estas aprendizagens em outras, que serão levadas novamente à universidade e lá discutidas, elaboradas

e devolvidas às comunidades em forma de conhecimentos sistematizados ou de novas dúvidas a serem respondidas coletivamente, enriquece o processo de inovação pelo conhecimento e pode ser percebida nos projetos.

Assim, ressignificamos a palavra “ethos” considerando-a a partir da concepção de Boff como casa humana, ou porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar e respeitar.

Cuidar deste espaço que é de todos, espaço de relações interétnicas, de trabalho, de produções culturais, de interações afetivas, de relações econômicas e sociais, é colocar a Universidade a serviço destas populações, interagindo com elas de forma a contribuir com aquilo que Edgar Morin denomina de construção da identidade terrena.

É nesse sentido que a extensão ocupa lugar privilegiado na academia, porque procura responder, com sua especificidade, à pergunta sobre o sentido tanto da produção quanto da socialização do conhecimento realizados no âmbito da universidade, ajudando, assim, a efetivar a relevância social e política do ensino e da pesquisa. É essa é a pergunta da ética. (Calderón, 2004, p. 18).

Se partirmos da idéia de que ética é um modo de olhar a vida de maneira que ela faça sentido, então poderemos pensar na extensão como lugar de relação com o outro, de ouvir e oportunizar relações de diálogo onde a

comunidade seja ouvida e entendida em vez de ser atendida – entendida na sua essência, na sua necessidade local, na sua possibilidade com o global, na sua cultura. E entendida na sua contribuição para a pesquisa, a construção de novos conhecimentos e tecnologias.

Este talvez seja o princípio ético da extensão: saber ouvir o que a sociedade tem a dizer. Dar significado aos conhecimentos produzidos na academia, nesta interlocução com a população para qual e com a qual produz conhecimentos.

É é nesta relação de diálogo que percebemos a indissociabilidade da extensão com o ensino e a pesquisa. A academia, através de seus projetos pedagógicos, deve conter em sua base possibilidades em que professores e alunos visualizem oportunidades infinitas de responsabilidade para com o direito de vida digna do outro.

Assim, podemos elaborar projetos de ações de extensão que se organizam de tal forma que o ensino e a pesquisa estejam legitimados pela proposta filosófica do curso, pela ética de seus proponentes e pelo desejo de seus atuantes.

Saber sobre a natureza da universidade como espaço privilegiado de acumulação, de produção e de socialização de conhecimento com relevância social; saber a extensão como uma categoria ética que pergunta pelo sentido do ensino e da pesquisa; saber a extensão como uma categoria estética que promove ações

substantivas de construção do belo e do bem-estar das pessoas; saber a extensão como disposição ao aprendizado da alteridade arte de amar; saber da imperiosa necessidade de superar posturas corporativistas, são hipóteses ou caminhos que podem ajudar na construção de uma Política Nacional de Extensão, que transforme o conhecimento produzido e socializado na academia em sabedoria, em um bem público ao qual todos possam ter acesso, visando à construção da dignidade da vida. (Calderón, 2004, p. 24).

A sensibilidade presente nos acadêmicos e professores que participam dos projetos já constitui em si mesma um conteúdo de aprendizagem que faz a diferença em suas formações e nos espaços onde atuam ou atuarão.

Poder acreditar que a extensão é tão formadora e transformadora da sensibilidade humana e colaboradora legítima para a construção de um outro mundo possível, onde o perceber o outro e a sua cultura como alguém importante para a manutenção da minha sobrevivência e da minha própria cultura, reacende em nós o desejo de continuar participando deste processo de fortalecimento da extensão como indissociável do ensino e da pesquisa no processo de formação humana.

Referências bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Brasília: MEC Sesu, 2001.
- BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério (org.). **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. Lisboa: Gradiva, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999
- CALDERON, Adolfo Ignacio (org.). **Ação comunitária: uma outra face do ensino superior brasileiro**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.
- DECLARAÇÃO DA BAHIA. **Documento** do I Seminário de Reforma Universitária. Salvador. Maio de 1961.
- FÓRUM NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA. A Universidade e o compromisso social: a contribuição da Extensão. **Anais**. Campinas: PUC, 2004.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HUISMAN, Denis. **Dicionário de obras de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Japiassu, Hilton; Marcondes, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KUHN JÚNIOR, Norberto. Oficinas da pós-indústria – arte e o lúdico como matriz criativa e produtiva nos fundamentos do desenvolvimento social das comunidades locais. **Diversidade e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**. Novo Hamburgo, RS. p. 85-100.

MOORE, G. E. **Princípios éticos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

MORIN, Edgar. Os **sete saberes necessários** à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2001.

NUNES, Margarete Fagundes. A extensão universitária como uma extensão do olhar: relato de uma experiência no projeto Banda Mirim. **Diversidade e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**, Novo Hamburgo, RS. p. 65-83.

REVISTA BRASILEIRA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, Rio de Janeiro: UFRJ/ UNIRIO, vol. 3, n. 2, 2005.

SAMPAIO, Jorge Hamilton (Coord.). **A Universidade e o compromisso social**: a contribuição da extensão: Anais (do) Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias, XI Encontro Nacional de Extensão e Ação Comunitária. VI Assembléia Nacional, Campinas/SP, 27 a 29 de Outubro de 2004. Campinas/SP: PUC/Campinas, 2004. 208p.

TAVARES, M. G. M. **Extensão universitária: novo paradigma da universidade?** Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996. (Tese de Doutorado em Educação Brasileira).

Notas

- 1 O artigo toma como base os documentos institucionais do Núcleo de Identidade, Gênero e Relações Interétnicas – NIGERIA, programa de extensão que abriga o Projeto Banda Mirim. Atualmente o NIGERIA é coordenado pelo Prof. Ms Norberto Kuhn Junior, Professor do Centro Universitário Feevale.
- 2 Dulce Cornetet dos Santos – Feevale. Graduada em Educação Física. Mestre em Educação. Professora Adjunta no Centro Universitário Feevale. Assessora da Pró-Reitoria de Extensão do Centro Universitário Feevale. Professora da rede Municipal de Porto Alegre.
- 3 Josilda Berenice Fogaça – Feevale. Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia. Professora Assistente no Centro Universitário Feevale. Coordenadora do Programa Educação e Cidadania, do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes no Centro Universitário Feevale. Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.
- 4 Marcelo Rodrigues de Almeida – UFV. Acadêmico do Curso de Agronomia na Universidade Federal de Viçosa. Bolsista da Extensão. Coordenador do Projeto Cores da Terra – UFV.